

Centenário do falecimento de Oscar Freire

Centenary of the death of Oscar Freire

Lamartine de Andrade Lima

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v28i1e-214777>

Lima LA. Centenário do falecimento de Oscar Freire. Saúde, Ética Justiça (Online). 2023;28(1):e-214777.

RESUMO: O presente texto conta a história de Oscar Freire, eminente médico, professor e pesquisador baiano que teve papel fundamental no desenvolvimento da Medicina Legal no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História da Medicina; Medicina Legal; Oscar Freire.

Prof. Dr. Lamartine de Andrade Lima é Oficial Superior Médico do Corpo de Saúde da Marinha do Brasil, reformado. Antigo Professor Assistente de Medicina Legal da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e Professor Honorário da Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia. Médico-Legista aposentado do Instituto “Nina Rodrigues”. Membro Benemérito da Associação dos Médicos Legistas do Estado da Bahia. Ex-secretário da Sociedade Brasileira de Medicina Legal. Sócio fundador da Associação Brasileira de Direito Médico. Presidente Emérito do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins. Ex-Membro do Conselho Penitenciário do Estado da Bahia. Pertencente às Academias de Letras e Artes de Salvador (Bahia), São José do Rio Preto (São Paulo), Gravatá (Pernambuco) e Academia Brasileira de Letras e Artes do Cangaço; ex-Secretário-Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Endereço para correspondência: E-mail: lamartine.lima@terra.com.br

No início deste ano de 2023, foi completado o 100º aniversário do dia em que Oscar Freire de Carvalho – o grande professor Oscar Freire, continuador da obra extraordinária do mestre Raymundo Nina Rodrigues e seu sucessor na chefia da Escola Baiana de Medicina Legal – voltou definitivamente para a Bahia.

Naquele 4 de fevereiro de 1923, como anunciado pelos jornais, aos 40 anos de idade, trajado nas vestes talares, escoltado por colegas catedráticos da Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo e seus pares da Faculdade de Medicina e também da Academia de Letras da Bahia, foi recebido pelos amigos, pela mocidade estudiosa e pelo povo de sua terra, de onde partira havia cinco anos.

Na Capital Bandeirante, também proclamado pela imprensa, recebera grandes homenagens daquela unidade de ensino superior e da outra, das Arcadas de São Francisco, ladeado pelos amigos, colegas, estudantes e pelo povo, havendo-se dirigidos todos ao anfiteatro do edifício do Jardim da Infância, anexo à Escola Normal (atual “Caetano de Campos”) na Praça da República, onde foi ouvido o professor Alcântara Machado e falaram os demais importantes oradores da Pauliceia, antes de desfilar o maior dos cortejos então vistos ali, chegando à Estação da Luz, de onde uma comitiva desceu de trem até o porto santista e, no navio “Santos”, do Lloyd Brasileiro, embarcou, com a família do grande morto, levando seu respeitável esquife para a Cidade de Salvador, “doce ninho”, a qual avistaram, como havia feito Ruy Barbosa, na manhã do quinto dia de navegação.

Do Salão Nobre da então centenária Primaz Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, depois de rezada a missa, dirigiram-se todos – os conterrâneos e os representantes do Estado de São Paulo – acompanhando-o até o bairro da Federação, onde, diante do seu mausoléu marmóreo branco (ofertado por baianos e paulistas), no Cemitério do Campo Santo, discursaram os professores Celestino Bourroul, Almeida Junior, Pinto de Carvalho e Aurélio Viana. Onde depois, durante muitos anos, naquela data, iriam em préstito e usariam da palavra seus discípulos Armando de Campos, Egas Moniz, e seu sucessor na célebre Cátedra através de luminoso concurso Estácio de Lima, além de Arthur Ramos e tantos cultores da sua memória, como os componentes do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins.

O Brasil ficara sem o maior de seus peritos; São Paulo sem o melhor dos seus professores acadêmicos; e a Bahia perdera um dos seus mais brilhantes filhos, que, lamentavelmente, não tem sido lembrado nestes dias que correm para o futuro...

Nascido na antiga Rua do Areal de Baixo, hoje Rua Oscar Freire, próximo do Largo Dois de Julho, Oscar Freire foi menino na Rua do Rosário de João

Pereira, atual Avenida Sete de Setembro, e na Roça da Curva Grande do Garcia, e estudante do Colégio São José, aluno do famoso professor João Florêncio Gomes. Ingressou aos 14 anos de idade na Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, na qual foi acadêmico destacado, havendo desenvolvido grande admiração e travado perene amizade com o professor Nina Rodrigues – seu mestre de Medicina Legal – que sonhava realizar as lições da Cátedra através da prática de perícias no Serviço Público Estadual.

Os assuntos da especialidade interessaram-no desde que, muito cedo, principiara a acompanhar os trabalhos do escritório de advocacia do seu pai, criminalista Manuel Freire de Carvalho (que era primo de sua genitora, D. Isaura Seixas Freire de Carvalho).

Na Faculdade de Medicina da Bahia, representou, como orador, os seus colegas, nas homenagens prestadas aos famosos baianos e professores Francisco de Castro e Manoel Victorino, e pronunciou marcante oração sobre o grande patologista alemão Rudolph Virchow.

Seguindo a linha de estudos e pesquisas de seu mentor Nina Rodrigues, publicou trabalho sobre “Conceito do Aborto Criminoso”, e esboçou outro sobre “Feiticismo e Crime no Norte do Brasil”, que, por motivo de doença, não desenvolveria para editoração; todavia, inserido na problemática, também estudada por seu professor, da Guerra de Canudos, que o encontrou como acadêmico, publicou “Influência da Religião na Criminalidade Brasileira” e, mais tarde, na mesma sequência, “Das Relações das Religiões e do Crime no Brasil”, este trazido à luz na *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*.

Aos 20 anos, na turma de doutorandos de 1902 (já completou um século), apresentou a tese sobre “Etiologia das Formas Concretas da Religiosidade do Norte do Brasil”, muito elogiada por Nina Rodrigues, e teve, com distinção, o diploma e o anel de médico.

No ano seguinte, casou-se com D. Marieta Filgueiras Freire de Carvalho, filha de Leovigildo Filgueiras, intelectual que deu o nome à principal das vias do Bairro do Garcia.

Foi, inicialmente, cirurgião, também preceptor particular de História Natural; depois em estabelecimentos de ensino secundário, sendo, assim, nomeado professor de Química e de História Natural da Escola Politécnica, nela instalando o primeiro laboratório para estudos e experiências químicas práticas.

Nomeado, ainda, Fiscal de Ensino do Ginásio da Bahia e, logo, da Faculdade Livre de Direito, ali trabalhou durante quatro anos, quando foi reforçado seu interesse pela Medicina Judiciária no contato com as lições dos professores Rodrigues Dória e Garcez Fróes e dos seus outros amigos lentes das diversas disciplinas do Direito, vindo a tornar-se, em pouco tempo, Assistente de Medicina Legal da Faculdade de Medicina.

Figura esbelta, de porte franzino, sempre elegantemente trajado, com “pince nez” de ouro e bigodinho bem aparado, de pontas retorcidas para cima – como no retrato pintado por Vieira de Campos –, era Oscar Freire muito reservado e severo, analista crítico e irônico, um tanto agressivo como escritor, sem deixar de ter linguagem sempre em termos elevados e sem perder uma face de manifesta bondade.

Algo irrequieto, fazia-se notar pelo timbre que dava especial sonoridade à sua voz, e por belos recursos de oratória – que exercia com aguda inteligência e firmeza grandiloquente – que o tornariam conhecido da juventude estudiosa, nas sociedades médicas, científicas e culturais, e pelos professores baianos, cariocas e paulistas.

Leitor inveterado, tinha fornecedores de livros nacionais e estrangeiros, recebendo os mais modernos lançamentos editoriais do seu tempo, havendo formado uma grande biblioteca.

No velho prédio do Terreiro de Jesus, dedicou-se profundamente aos trabalhos teóricos e práticos da Ciência de Zacchia, seguindo a diretriz de seu amigo e Catedrático Nina Rodrigues, e preparava-se para fazer concurso de médico-legista na então Capital Federal, como antes brilhantemente fizera seu colega e amigo Diógenes Sampaio – falecido de doença pouco tempo antes dele, também tão precocemente e longe do chão baiano, quando já, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, era assistente do professor Afrânio Peixoto, que, juntamente com o professor Juliano Moreira – todos baianos e discípulos de Nina – haviam levado a Escola Médico-Legal da Bahia para o Rio.

Então, a Faculdade de Medicina da Bahia foi incendiada em 1905, e haviam começado rapidamente sua reconstrução, graças à forte vontade política do baiano Ministro da Viação J. J. Seabra – que teve como seu grande colaborador nessa tarefa o Secretário de Obras Públicas do Estado, engenheiro Arlindo Fragoso, na gestão do governador José Marcelino (sendo paulista o Presidente da República Rodrigues Alves), estando como executor das obras o também baiano engenheiro Theodoro Sampaio, segundo o projeto arquitetônico ainda de um paulista, o arquiteto Victor Dubugras, com estatuária do artista italiano Paschoale di Chirico.

No ano de 1906, houve intensa comoção no mundo acadêmico soteropolitano com a morte de causa natural do jovem professor Nina Rodrigues, quando se encontrava em Paris, durante viagem de estudos pela Europa, e o lugar de Catedrático de Medicina Legal foi ocupado pelo professor Josino Cotias – que deixou aberta a sua vaga de lente substituto da 4ª Secção, Medicina Legal e Higiene, para a qual Oscar Freire, no ano seguinte, aos 25 de idade, e já respeitado perito no foro da Bahia, foi aprovado em notável concurso.

Começou, naquela ocasião, a sua cruzada, apoiado pelo diretor da Escola Médica Primaz do

Brasil, professor Alfredo Thomé de Britto – o qual fora cunhado de Nina Rodrigues – e pelo titular da Cátedra da qual ele era lente substituto, para incluir no projeto da reconstrução da Faculdade um instituto de Medicina Legal. O local que fora escolhido e planejado ainda pelo professor Nina, inspirado no *Relatório da Viagem de Estudos do Professor Virgílio Damásio, entre 1885 e 1886, a oito países do Velho Mundo* (escrito por seu antecessor) e, depois do prédio construído, formular um convênio, havendo conseguido que fosse firmado com o Estado da Bahia na gestão do mesmo Governador José Marcelino (quando foram sucessivos chefes de polícia os bacharéis Aurelino Leal e Álvaro Covas) através do qual abriu precedente e influenciaria, mais tarde, o ensino da especialidade nas escolas superiores do País, tendo as aulas práticas realizadas nas perícias dos casos chegados aos Serviços Médico-legais dos Estados.

Assim, sob a supervisão de Oscar Freire, pôde ser projetado o “Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues”, que iria ficar no andar térreo do mesmo pavilhão da nova biblioteca, com entrada pela Rua das Portas do Carmo (que leva do Terreiro de Jesus à Ladeira do Pelourinho), a qual seria batizada em 1933 – completando agora 90 anos – pela “Sociedade Acadêmica Alfredo Britto” com o nome de seu ínclito patrono.

Havia algum tempo, Oscar Freire vinha militando, de modo crescente, na imprensa diária, para a qual escreveu cerca de uma centena de matérias; caracterizando-se pelo estilo terso e pela fina ironia e combatividade, chegando a ser redator de editoriais do principal dos periódicos da capital baiana, o *Jornal de Notícias* – especialmente quando tratava das causas da escassez do abastecimento d’água para a Capital (ainda sendo usado o reservatório da Companhia do Queimado, inaugurado pelo Imperador D. Pedro II em sua visita a Bahia, em novembro de 1859); ou da reforma dos Serviços de Saúde Pública, quando uma lei pouco feliz, redigida em 1910, prejudicava uma boa lei, de 1905; ou da reforma malfeita, e refeita mal, da Instrução Pública, quando ele aproveitava para comentar sobre as leis referentes à educação no território nacional; ou ainda sobre a criação dos Serviços Estaduais de Identificação e de Medicina Legal. Escrevia também em outros noticiosos, na *Gazeta do Povo* e em *A Tarde*, inclusive tecendo polêmicas sobre diversos assuntos de amplo interesse popular, ou fazendo homenagem ao grande cientista Oswaldo Cruz.

Era Oscar Freire também operoso secretário da “Liga Bahiana Contra a Tuberculose”, presidida pelo professor Alfredo Brito, que, nos fins de tarde, reunia, em seu gabinete de Diretor da Faculdade, ou em seu consultório da Rua da Misericórdia, médicos amigos para tratarem de temas científico-culturais e de interesse da comunidade.

Nomeado Inspetor do Ensino, representou a Bahia, durante vários anos, no Conselho Estadual de

Ensino e no Conselho Superior de Ensino da República, que se reunia no Distrito Federal, – entidades em que se celebrou pelo seu vasto conhecimento da legislação pertinente e enorme capacidade para analisá-la, havendo sido considerado o maior e mais autorizado dos intérpretes daquelas nossas leis específicas.

Nessas ocasiões, visitava Afrânio Peixoto, seu colega desde os bancos do Terreiro de Jesus, inspirador e primeiro diretor do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro, que havia sido criado, em 1907, segundo o regimento tedesco de Virchow, e hoje traz, com justiça, o nome de seu fundador.

Pronto o Instituto “Nina Rodrigues”, no final do ano de 1908, com todas as normativas adequadas, e instalados seus equipamentos, aparelhos e instrumentos, foi considerado pelos que o conheceram naquela época como o padrão modelar para as Américas, havendo nele uma coisa absolutamente nova: um necrotério com aparelho elétrico importado pela Casa Fixary para refrigeração do depósito de cadáveres, e um compartimento morgue de reconhecimento de corpos.

Pelos visitantes, a Bahia foi cognominada a Lyon brasileira, pelo que significava, para a França e para o mundo, a lionesa Escola Médico-Legal de Alexandre Lacassagne.

Iniciou-se, então, a luta, de quatro anos ininterruptos, para que fosse cumprido o convênio, com a transferência do Serviço Médico-Legal do Estado da Bahia, que tinha saído de um salão do Palácio das Mercês (antiga Chefatura de Polícia) para uma sala do velho casarão da Secretaria de Polícia na Praça da Piedade, sendo as necropsias procedidas, desde 1893, no necrotério do Hospital Santa Isabel. Era necessário que fossem todas as suas seções para aquele Instituto da rua das Portas do Carmo – mudança que começou após o apelo de Oscar Freire ao governador Araújo Pinho, havendo sido concluída na gestão governamental de Aurélio Viana – seu colega, professor de Patologia, e que tinha sido um dos oradores diante do féretro de Nina Rodrigues.

Enquanto lutava para a união da perícia e do ensino em uma só instituição, conseguiu que fosse cumprido um convênio internacional de 1905, adotado por Decreto Federal de fevereiro de 1910, na Secretaria de Polícia e Segurança Pública do Estado, obtendo a vitória 14 anos depois da campanha iniciada, em 1896, pelo Dr. J. P. Santos, para a criação de um Gabinete de Identificação na Bahia; tendo, para tanto, Oscar Freire contado com a ajuda do senador estadual Adriano Gordilho, e de seu colega e amigo Pedro Mello – que foi o primeiro diretor daquela repartição – havendo sido adotado o processo datiloscópico de Juan Vucetich para substituir o método antropométrico de Alphonse Bertillon.

Foi inaugurado o Serviço Médico-Legal no Instituto “Nina Rodrigues”, como órgão público estadual

dentro da Escola Médica, em 30 de dezembro de 1911, tomando posse Oscar Freire como seu primeiro Diretor – poucos dias antes da chamada “Questão J. J. Seabra”, quando a instituição (logo conhecida como o “Nina”) receberia e venceria o desafio das múltiplas continuadas perícias e consequência do bombardeio do general Sotero de Menezes sobre Salvador, em janeiro de 1912, depois que um dos nossos maiores Almirantes, o admirável Ministro Marques de Leão, altaneiramente, por escrito (que existe em pergaminho dentro de um escrínio de ouro na sede do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) recusou-se a cumprir a ordem do presidente da República e Marechal Hermes da Fonseca, de mandar mirar os canhões da Marinha do Brasil e abrir fogo sobre o porto civil e desartilhado da capital da Bahia.

Em novembro de 1913, faleceu Virgílio Damásio, e Oscar Freire, representando a Faculdade de Medicina da Bahia, no Campo Santo (onde seria inumado também dez anos depois) fez a oração famosa, em que disse: “Eu esperava ter a alegria imensa de saudar-lhe a velhice feliz... Não pôde ser...”, palavras repetidas sobre ele pelo discípulo em São Paulo e sucessor na cadeira dali, professor Flaminio Fávero, que, junto com o Mestre Anatomista Alfonso Bovero, lhe embalsamou o corpo ainda moço.

Nesse mesmo ano, enquanto em Salvador, Bahia, os médicos legistas e os funcionários do Instituto Médico-Legal colocavam na sala da diretoria os quadros a óleo com os retratos de Virgílio Damásio, Nina Rodrigues e Oscar Freire, em São Paulo era fundada, pelo príncipe dos cirurgiões paulistas, doutor Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho, a Escola de Medicina e Cirurgia, no número 42 da rua Brigadeiro Tobias, durante a gestão de Rodrigues Alves como presidente daquele Estado.

Doutor Arnaldo, o primeiro diretor da nova unidade de ensino superior, com o apoio dos capitalistas do café, estava, então, contratando, em grandes centros universitários internacionais, renomados professores para aquela escola. Desta forma, trouxera, de Ouro Preto, nas Alterosas, o médico e engenheiro de minas Guilherme Bastos Milward, para a Cátedra de Química Médica. Vieram de Turim, Itália, o minucioso professor Alfonso Bovero, para a Cátedra de Anatomia Descritiva, e o cuidadoso professor Alexandre Donati, para a de Histologia e Patologia Geral. De Nancy, França, chegou o respeitado professor D’Alembert Meyer, para a Cátedra de Fisiologia. De Paris, capital gaulesa, transferiu-se um tratadista para a Cátedra de Parasitologia, o famoso professor Emílio Brumpt. E dos Estados Unidos, trouxe o sanitarista professor Samuel Darling, para a Cátedra de Higiene.

Foi aquele médico e diretor paulistano doutor Arnaldo, então, aconselhado por seu amigo baiano engenheiro Theodoro Sampaio (com obras notáveis em São Paulo e na Bahia), que trabalhara na reconstrução do

prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, a – tendo como intermediário o médico baiano bolsista da Fundação Rockefeller na Capital paulista, depois professor Afrânio do Amaral – fazer um convite para o professor Oscar Freire de Carvalho lecionar, no sexto ano do novo curso, a Cátedra de Medicina Legal da Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Em 1914, por jubilação do professor Josino Cotias, tornou-se catedrático Oscar Freire de Carvalho, aos 32 anos, a mesma idade com que o professor Raymundo Nina Rodrigues, no ano de 1895, assumira a mesma cátedra.

Ele reuniu-se à estelar Congregação da Faculdade de Medicina e das Escolas Anexas de Odontologia e Farmácia da Bahia, de onde, dos quatro médicos primeiros Governadores Republicanos do Estado (entre a dúzia de médicos governadores até hoje), estiveram dois professores daquela congregação em que fulguravam Pirajá da Silva, Pacífico Pereira, Egas (Pethion de Vilar) Moniz, Pedro Celestino, Aristides Novis, Clementino Fraga, Garcez Frões, Prado Valladares, Gonçalo Moniz, Antonio Borja, Caio Moura, Adeodato de Souza, Martagão Gesteira, Pinto de Carvalho e Eduardo de Moraes. E, dentre tantos luminares, Oscar Freire foi eleito paraninfo dos doutorandos daquele ano em que começou a Primeira Grande Guerra Mundial.

No pleno exercício da Cátedra, sem demora, fundou a Sociedade de Medicina Legal e Criminologia da Bahia; criou o primeiro Curso Nacional de Especialização em Medicina Legal e inaugurou o Curso de Polícia Científica ou Técnica na Bahia, paralelamente aos trabalhos médico-forenses, convidando para ministrá-lo um especialista de renome internacional, o perito criminalístico Archibald Rudolph Reiss – vindo da Alsácia, região francesa limítrofe entre França, Suíça e Alemanha – para fazer conferências também na Capital paulistana, e, pela primeira vez essa especialidade era ensinada em nosso País.

Oscar Freire veio a tornar-se, como antes o fora seu mestre, um admirável orientador de teses dos doutorandos da centenária Escola Primaz do Terreiro de Jesus.

No dia do seu aniversário de 33 anos de idade, 3 de outubro de 1915, ele recebeu expressiva homenagem dos médicos legistas da Bahia, representados pelo decano doutor Otaviano Pimenta, que produziu afetuoso discurso – depois publicado em plaqueta. Naquela ocasião, Oscar Freire inaugurou as instalações do Museu Médico-Legal da Faculdade de Medicina da Bahia – excepcional repositório de peças da especialidade – resgatando o primitivo Museu do seu professor Nina Rodrigues, que fora, havia uma década, destruído no incêndio da velha Escola do Terreiro de Jesus.

No mês de março de 1917, Oscar Freire tornou-se Membro Fundador da Academia de Letras da Bahia

e Titular da Cadeira numerada 38, tendo como patrono Alfredo Brito, que falecera, também de modo precoce, no ano de 1909, depois de vê-lo a caminho de realizar o sonho de Nina.

Então, considerando realizada a sua obra baiana, o professor Oscar Freire de Carvalho, aos 36 anos de idade, aceitou o irrecusável convite do doutor Arnaldo Vieira de Carvalho: deixou a própria residência na recém-aberta (pelo Governador J. J. Seabra) Avenida Sete de Setembro, em São Pedro (onde depois existiria a Farmácia Caldas) e, acompanhado por sua esposa, filhos menores Stélio e Zeneida, a mãe viúva e a única irmã, Isaurinha, partiu, em fevereiro de 1918, para Santos, pelo pacote francês “Darro”, navegando sob “black out”, por motivo da Primeira Grande Guerra Mundial.

Seguiram, de lá, por trem, para a cidade de São Paulo, na qual foram recebidos pelo professor Almeida Prado, doutor Afrânio do Amaral e outros membros da Escola Médica daquela capital, onde foram hospedados em uma pensão da Rua Maranhão. Depois, a família mudou-se para uma casa na Rua Martinico Prado, número 19, no Bairro de Higienópolis, e, finalmente, para outra casa, com andar superior, no número 31 da rua Vitalis.

O ciúme profissional de alguns docentes da Escola Médica Paulista passou logo a apelidá-lo de “Dr. Vatapá”, que, na época era o mais famoso quitute da Bahia. Com bom humor, ele deixou que o apelido desaparecesse diante da grandiosidade da sua apresentação.

Há 105 anos, exatamente no dia 18 de abril de 1918, no auditório do Instituto de Higiene, repleto pela “inteligentzia” paulistana, foi proferida a aula inaugural do curso de Medicina Legal da Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo, uma verdadeira consagração do baiano professor doutor Oscar Freire (que continuou usando a forma sincopada do nome, numa terra de grandes sobrenomes, alegando aos familiares que não queria dar motivo a acharem nepotismo a sua contratação pelo doutor Arnaldo Vieira de Carvalho). No ano de 1993, a Fundação “Estácio de Lima”, durante a nossa gestão na sua diretoria, fez lembrar o fato, assentando uma grande placa no Instituto “Oscar Freire”, durante as comemorações do 75º aniversário do acontecimento.

Dos mais completos mestres que São Paulo tem conhecido, Oscar Freire tornou-se, ali, como o fora na Bahia, o grande orientador de múltiplas teses dos doutorandos, entre 1918 e 1922, quando também foi considerado o mais importante dos peritos do foro paulista.

Dali em diante, Oscar Freire começou outra cruzada, para criar uma instituição da especialidade em São Paulo, cujo edifício foi iniciado em janeiro de 1920, e que ele não veria concluído, embora o tenha parcialmente construído e começado ali a instalação da Cátedra de Medicina Legal – para onde se destinou mais tarde a sua biblioteca particular, comprada aos herdeiros

pelo Governo paulista, que batizou aquela entidade Instituto “Oscar Freire”.

Com o dinheiro da venda dos livros, sua família adquiriu a casa da Rua Augusto César Viana, número 39, no Canela, em Salvador, onde até recentemente residiu, nonagenária, lúcida e forte, D. Zeneida Freire de Carvalho Moniz de Aragão, viúva de Egas Moniz Júnior, que, por influência intelectual da obra do sogro, tornou-se notável Médico-Legista, havendo-lhe deixado netos e bisnetos.

Oscar Freire, a partir dos dois institutos que fundara, ditou suas grandes lições e formou uma plêiade de especialistas, revolucionando, absolutamente, a perícia médico-legal, criminalística e de identificação nos tribunais do Brasil.

Extraordinariamente admirado e querido pelos estudantes, a magnífica aula inaugural dos cursos, que proferiu no ano de 1921, versando sobre a *Deontologia Médica*, foi mandada especialmente editar por votação unânime da Congregação da Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que criou, desde então, essa matéria em seu currículo como, em seguida, estabeleceria como regular a disciplina História da Medicina, ministradas ambas por Oscar Freire, anexas à Cátedra de Medicina Legal.

No ano seguinte, do Centenário da Independência do Brasil em São Paulo, mesmo durante os festejos, a pedido dos editores Saraiva, começaram a ser selecionados e reunidos para publicação vinte e seis “Exames e Pareceres” da autoria do professor Oscar Freire; os quais, por motivo de sua doença, só puderam ser entregues ao prelo por seus amigos e discípulos após a sua morte, e saíram em livro no ano de 1926, quando suas duas Cátedras já tinham sucessores, na terra bandeirante, Flaminio Fávero, e no torrão baiano, Estácio de Lima.

Naquele 1922, manifestando-se uma infecção sobre o único rim que tinha, foi acompanhado clinicamente pelos amigos e colegas Olympio Portugal, Afrânio do Amaral, Pereira Gomes e Celestino Bourroul; todavia não obteve sucesso nos tratamentos possíveis existentes àquela época, evoluindo para um quadro de gravíssima intoxicação urêmica.

No mês de dezembro do mesmo ano, foi homenageado no quadro da turma de doutorandos paulistas, e, insistentemente convidado, participou da grande Festa Comemorativa do Reconhecimento, do qual fora um importante articulador, da Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo como Faculdade Federal. Nessa ocasião, combalido, Oscar Freire, instado a falar, proferiu o seu último e mais fulgurante e emocionado discurso, sendo extremamente ovacionado.

No dia 10 de janeiro de 1923, às vésperas da entrega do abaixo-assinado pelos acadêmicos da Escola Médica Paulista ao governador Washington Luiz, solicitando a recontração do professor Oscar Freire

para mantê-lo como catedrático ali onde magistralmente ensinava, os estudantes dirigiram-se até a sua casa para saber do seu estado de saúde. Foram recebidos por ele, cego, no leito de moribundo. Estoico, agradecido, apertou a mão de cada um deles e falou palavras consoladoras de despedidas aos discípulos.

Pediu, então, para falar com os seus colegas professores da Faculdade, inclusive o único deles com o qual estava inamistoso, de quem aproximou-se *in extremis*. E ao querido colega e amigo professor Celestino Bourroul, solicitou-lhe que, com ele, orasse o Pai Nosso.

No dia 11 de janeiro de 1923, despediu-se de seus entes mais queridos, deixando conselhos à esposa e aos filhos, à genitora e à irmã. Cercado pela família e pelos amigos estremecidos, declarou-se muito cansado e pediu uma injeção. Disse que ia dormir. Faleceu às 22 horas e 50 minutos.

No depoimento de seus amigos, repete-se a afirmação de que viveu e morreu pobre.

São frutos de seu labor e sua lavra na Pauliceia publicações importantíssimas:

– *Identificação das Armas de Fogo pelo Estudo de seus Projéteis*”, trabalho de experiências e discussões sobre um tema primordial de Criminalística.

– “Sobre a Identificação dos Projéteis de Arma de Fogo (impressões deixadas pelas vestes)”, na *Revista de Medicina*, em 1918.

– “Sobre a Identificação de Armas e Projéteis”, conferência na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1921.

– “Das Lesões Produzidas por Animais em Cadáveres Submersos” (em colaboração com Dr. J. Rebello Netto), nos Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia, julho e agosto de 1921.

– “Evolução da Medicina no Brasil (1500-1922)”, no jornal *Estado de São Paulo*, a 7 de setembro de 1922.

– *Fauna Cadavérica Brasileira*, obra fundamentada em 16 longos anos de pesquisas de Medicina Legal e Entomologia, nas terras baianas e paulistas, por observação direta de insetos sobre peças anatômicas. Considerada uma das mais importantes contribuições sobre esta parte da cronotanatognose, e originada depois de grandiosa conferência realizada de improviso, em 1921, no Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, quando passou a desenvolvê-la em ditado ao discípulo e sucessor doutor Flaminio Fávero, após o expediente da tarde, enquanto andava de um lado para o outro no saguão, ainda em construção, do futuro Instituto “Oscar Freire”, durante o ano de 1922 até adoecer gravemente. As páginas seriam transformadas em comunicação dele à Academia Nacional de Medicina, de onde era titular, e, conduzidas por aquele seu assistente, foram ao prelo logo depois da sua morte em 1923, editadas na *Revista de Medicina*.

Oscar Freire também colaborou com os seus

discípulos na elaboração de teses sobre “Conteúdo cardíaco nas asfixias”; “Cristais do sangue”; “Reação sulfídrica de Icard”; “Resistência do arsênico à cremação”; “A natureza dos cristais de Lecha-Marzo”; “Os cristais de hemocromogênio”; “Diagnose diferencial de morte por estrangulação”; “A marcha dos fenômenos cadavéricos na Bahia”; “Identificação de projéteis”; e “Formigas necrófagas brasileiras”.

Cientista da Medicina Judiciária e humanista de escol, ele pertenceu, ainda, à Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal do Rio de Janeiro; fundou a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, a Sociedade Paulista de História da Medicina e a Sociedade de Educação e de Cultura de São Paulo – esta última em novembro de 1922, quatro meses antes de seu falecimento; foi membro da Sociedade Médico-Legal da Bélgica e da Sociedade de Medicina Legal de Roma, na Itália; foi Professor Honorário do Instituto de Medicina Legal de Madrid, na Espanha; e correspondeu-se com importantes personalidades do mundo científico e cultural estrangeiro.

Todavia, embora falasse bem o idioma francês e tendo conhecimentos do inglês, jamais viajou ao exterior.

Ele fortaleceu de tal sorte a Escola de Nina Rodrigues, complementando observações e renovando conceitos e métodos, que chegaram a denominar o ramo paulista de Escola de Oscar Freire.

Com o objetivo de assinalar de forma permanente a sua presença como professor na Capital paulista, completados 40 anos do seu desaparecimento, as Sociedades Médicas por ele fundadas e o Governo do Estado de São Paulo instituíram oficialmente, por Decreto de novembro de 1963, a Medalha Cultural “Oscar Freire”, onde está cunhada a expressão “Professor Oscar Freire, criador e primeiro orientador do ensino técnico da Medicina Legal em São Paulo, 1918-1923.

Aqueles seus trabalhos escritos, juntamente com as conferências sobre “Deontologia Médica” e “Fauna Cadavérica Brasileira”, foram reunidos e republicados, em 1968, por seus antigos alunos Flaminio Fávero, Arnaldo Amado Ferreira, Almeida Júnior e pelo médico

baiano radicado na cidade de Santos, São Paulo, professor Edgard de Cerqueira Falcão, para comemorar o Cinquentenário da Instalação do Ensino da Medicina Legal na Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Como seu mestre Nina Rodrigues, deixou Oscar Freire uma galáxia de discípulos, que formaram outros discípulos por todo o Brasil.

Quando se completaram 50 anos da morte de Nina Rodrigues, em 1956, houve uma visita dos seguidores da Escola Médico-Legal da Bahia ao seu túmulo, também no velho Cemitério do Campo Santo (o mais antigo em terras soteropolitanas) e o professor Estácio de Lima, sucessor de Nina e de Oscar Freire na Cátedra, assentou ali uma placa com a sentença: “Hoje ainda maior do que ontem”. Em seguida, prosseguiram para a Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, e ali, pela terceira vez, foi inaugurado um Museu Antropológico, Etnográfico e Médico-Legal, que hoje não mais existe.

O Centenário de Nascimento de Oscar Freire ocorreu no dia 3 de outubro de 1982, contudo, sem qualquer explicação, nem na comemoração então acontecida, foi levado para o então novo edifício do Instituto Médico-Legal “Nina Rodrigues”, no Vale do Canela, o Medalhão de Bronze com a sua efigie que resplandecia na velha Sala “Oscar Freire”, de necrópsias, do velho Instituto das Portas do Carmo, de minhas lembranças e saudades... O antigo ambiente onde não mais se encontra seu semblante gravado no “Metal da História” hoje é parte da Biblioteca da Bicentenária Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus.

Neste Centenário do seu Falecimento, comemorado a 11 de janeiro de 2023, rendemos o mais profundo reconhecimento à grandeza do professor Oscar Freire de Carvalho, e aqui em sua terra de origem e onde repousa para a eternidade, registramos a nossa mais distinta homenagem à sua memória, querendo que se perenize.

Oscar Freire honrou, de modo supremo, a intelectualidade da Bahia e a Medicina Legal do Brasil, sendo merecedor de ser cultuada a sua lembrança pelas gerações que se sucederão.

Lima LA. Centenary of the death of Oscar Freire. *Saúde, Ética Justiça* (Online). 2023;28(1):e-214777.

ABSTRACT: This text tells the story of Oscar Freire, an eminent physician, professor, and researcher from Bahia who played a key role in the development of Legal Medicine in Brazil.

KEYWORDS: History of Medicine; Forensic Medicine; Oscar Freire

Recebido em: 09/03/2023

Aprovado em: 11/03/2023